



“O Silêncio é o Sítio onde se grita”: silêncio e erotismo em José Carlos Ary dos Santos

(Texto de apresentação da dissertação de mestrado)

Lurdes Maria Lopes da Costa
Universidade de Aveiro

Pensar em José Carlos Ary dos Santos como sujeito de uma tese teve, antes de mais, uma motivação: a de uma remota lembrança de infância onde, num minúsculo ecrã, transbordava uma figura possante, ofegante de tanta palavra produzir. Gostava daquele homem a dizer poesia, da sua vibração, da sua vivacidade, da sua voz tonitruante. Por isso, encetar um estudo académico sobre a sua poesia foi trabalhar sobre um poeta por quem nutro uma particular afeição, mas foi e é também uma forma de prestar homenagem a um escritor que, por razões políticas e académico-literárias, tem sido rasurado da história da literatura portuguesa. Ao contrário do que parece ter sido e continuar a ser apanágio deste país – relegar os seus artistas ao esquecimento – é minha convicção que cabe ao domínio académico, *à rebours* de interesses políticos e pessoais, de modas e de conveniências, hastear bandeira em prol de escritores considerados menores, na firme certeza de que eles constituem sempre o patamar a partir do qual se distingue a supremacia do insigne.

Parece-me, assim, evidente que ao menosprezo demonstrado pelo autor de *Adereços Endereços* não é de todo alheio o preconceito relativo à poesia cantada nem a incursão do autor pelos festivais da canção, nem tão pouco a personalidade truculenta e irreverente do homem que sempre pautou a sua vida pela exuberância, pela afronta e pela transgressão, colocando-se numa posição diametralmente oposta a todos os ditames sociais e políticos,

nunca permitindo que lhe *pussem a pata em cima* nem que o silenciassem. Nesta conformidade, Ary tinha forçosamente de ser um poeta maldito.

Não será pois difícil entender as razões que levaram o autor a enveredar pela área musical. A bem da verdade, se a Ary dos Santos não foi - e ainda não é - conferido um lugar de destaque na literatura portuguesa, esse lugar foi-lhe desde muito cedo atribuído no cenário musical português. Com efeito, como o próprio poeta bem denotou, foi a música que lhe trouxe alguma notoriedade e foi através dos seus poemas musicados que outros dos seus poemas foram lidos e celebrizados no contexto político-social português dos anos que antecederam o 25 de Abril de 1974. Julgo assim que um autor que, para além de uma extensa obra poética, daquela poesia a que chamam pura, ousa escrever mais de 600 letras para canções e a quem todos reconhecem uma capacidade rítmica, tão inusitada quanto inata, não pode ser esquecido nem continuar a ser silenciado.

Na verdade, o ostracismo académico-literário a que Ary dos Santos foi votado revelou-se bem mais eficaz do que o silêncio imposto pelo Estado Novo, uma vez que Ary não foi propriamente uma vítima da censura nem do próprio regime. E não o foi porque a idiosincrasia do poeta e o seu círculo de amizades teceram uma espécie de cordão de segurança à sua volta, que repelia qualquer ameaça.

Como quer que seja, é impossível omitir que a obra de Ary dos Santos é prova de uma reciprocidade imposta pela realidade sócio-histórica portuguesa de então, bem como ocultar a influência nefasta da censura na produção literária portuguesa. Na realidade, pese embora o cerco mais cerrado exercido sobre os escritores denominados subversivos (e Ary não constava desse rol), o poeta debateu-se, como todos os outros, com a necessidade de iludir os censores, desenvolvendo uma retórica eficaz contra o poder instituído. Ora, neste diálogo de resistência ressaí a estreita relação simbiótica estabelecida entre o poeta e a palavra. O fascínio que o poeta nutre pelo termo “palavra”, inscrito iterativamente nos seus poemas, leva-o a preconizar uma luta onde, a um tempo, a palavra é fonte de lirismo e arma de arremesso.

Assim sendo, embora a limitação do acto de fala ou a impossibilidade de falar e de dizer fosse, à época, uma realidade indizível, Ary colocou à prova a sua voz portentosa e o seu dom de palavra invulgarmente repentista, através de um débito verbal inusitado, recorrentemente obsceno, torrencial e adjuvado pela gesticulação. Momentos há mesmo em que o poeta, num estado de revolta incontida, grita a indignação e o ódio ou ri escarnecendo da hipocrisia social vigente.

Na verdade, embora reconheçamos no autor duas facetas distintas – a do ante e a do pós-25 de Abril –, importa referir que em tempo de censura e, portanto, de silêncio e

de silenciamentos, Ary dos Santos nunca se deixou intimidar por todos os que pretendiam remetê-lo ao silêncio, obrigando-os, em contrapartida, a ouvi-lo, pois não se calava. Ary terá sido, portanto, extremamente incómodo, pelo que também não será difícil entender as razões do seu silenciamento.

Não esqueçamos, porém, que o objectivo do poeta era justamente esse, causar incómodo, abalar consciências e mentalidades, subverter (pre)conceitos, numa palavra, transgredir. O seu débito verbal desmesurado desempenhava, inequivocamente, a função de, por um lado, ocultar sentidos, dizendo por excesso e, por outro, resistir à repressão e ao *tacere* imposto, deixando transparecer a revolta sentida pelo eu lírico que, exaurido e oprimido, decide bombardear o inimigo com palavras, muitas e sagazes — a única arma que podia e sabia disparar.

Versar, pois, sobre o silêncio em Ary dos Santos é falar de silenciamento, de *tacere*. É falar da sua dimensão enunciativa - enquanto estratégia retórica de calar -, mas é debruçarmo-nos também sobre a sua dimensão temática - enquanto exaltação do valor da palavra e do silêncio. Não deixa de ser curioso e desafiador verificar que, em Ary, a subversão acompanha a vida do homem e a obra do poeta. Assim, o autor perverte a noção de *silentium*, seja ao nível ontológico - pela irreverência de carácter -, seja ao nível social - por nunca se remeter ao silêncio -, seja ao nível linguístico - pelo discurso excedente -, seja ainda ao nível verbal/oral - pelo ritmo frenético que emprega quando diz a sua poesia. Nenhum destes aspectos se coaduna com a definição de silêncio, do mesmo modo que se considera desajustado, em tempo de mordança, o grito e o riso. Concluí, por isso, que todos estes factores fazem parte integrante da encenação da retórica da resistência, servindo na justa medida as intenções do poeta e do homem.

Face ao exposto, dificilmente se harmonizaria a obra poética de José Carlos Ary dos Santos com a globalidade das teorias sobre o silêncio por se nos afigurar ser paradoxal a noção de silêncio à luz da loquacidade do poeta e da torrencialidade de palavras que conferem ao texto a ilusão de tudo dizer e de nada omitir. Porém, numa análise mais aprofundada, concluí e defendi nesta dissertação que a problemática relativa à ausência de palavras ou à sua profusão entronca num mesmo ponto: ambas decorrem da utilização do silêncio como estratégia retórica. Assim sendo, e se tivermos presente que a palavra contém uma parte significativa de silêncio, então, verificamos que muitas palavras ditas de forma tão torrencial se encontram repletas de silêncio, fazendo jus à máxima popular "*Falas muito mas dizes pouco*", embora ao dizer pouco, signifique muito. A particularidade é que esse débito verbal exagerado, além de ser gerador de um vazio criador de silêncio e, em simultâneo, simulador de *nonsense*, constitui não só uma nítida tentativa de desfazer

o poder da palavra, como também é uma tentativa de extinguir o poder e de desestabilizar os valores vigentes.

Defendi ainda que, na poesia de Ary dos Santos, o silêncio não se pode associar apenas à subtracção da palavra, pois, se alguma característica se pode imputar ao escritor é a de nunca se demitir do emprego particularmente abundante de palavras. Nessa conformidade, é minha convicção que o silêncio não decorre exclusivamente da recusa de falar, nem decorre apenas de um acto que rejeita a fala e a palavra ao nível da própria enunciação, o silêncio decorre também do vazio que a palavrosidade "seca oca" (Santos: 206), o grito e o riso – como formas extremas de silêncio – criam. Tal como a palavra, o grito é, a um tempo, silêncio e ruído. Para o poeta "o silêncio é o sítio onde se grita" (Santos:155). É transgressão e provocação. É desabafo libertador e perturbador da passividade social.

A par do discurso excedente, do grito e do riso, surge a obscenidade, uma outra forma de demonstrar a ira e a revolta extremas, de abalar mentalidades e de destituir, pela insubordinação e pela provocação, o jugo político-literário. Importa no entanto referir que, na poesia de Ary dos Santos, a questão erótica – tema aviltante à época – não se posiciona apenas como forma de combate contra o silenciamento involuntário, ao serviço do qual ressaí quer como metáfora política, quer como metáfora da produção literária, constituindo sempre, de um modo ou de outro, um factor de desestabilização moral e social.

Eros entroniza-se na sua obra igualmente como forma de desvelar um domínio muito mais íntimo, percorrendo o espaço do inefável que o sujeito lírico voluntariamente cria. Nesse espaço em que a eloquência do silêncio emerge na pluralidade dos sentidos, submetendo o leitor a uma busca incessante de sentido, o sujeito lírico cala a razão do seu sofrimento, embora mantenha inalterável a sua postura transgressora e subversiva, sob o ponto de vista social e, por maioria de razão, a nível erótico. A questão erótica revela e realça a ambiguidade existencial do poeta cuja não identificação consigo próprio gera uma conflitualidade constante – com ele e com os outros. De facto, a voz lírica silencia a sua verdadeira personalidade, aparentando ser o que não é, assumindo uma faceta estridente, ostentatória e provocatória como estratégia de ataque mas que constitui, na essência, a sua melhor defesa. Ora, esta necessidade de projectar uma personalidade que não lhe pertence, movendo-se penosa e inconciliavelmente entre o ser e o parecer, entre o desejo e a realidade, cria uma outra dificuldade: a de se reconhecer a si próprio.

Chegado a este ponto, ao leitor da obra de José Carlos Ary dos Santos impõe-se questionar as razões pelas quais *Eros* desencadeia tanto sofrimento e um silêncio tão profundo. Na verdade, a intersecção destas duas linhas temáticas que constituíram o cerne do meu trabalho – o silêncio e o erotismo –, converte-as em recursos de intencionalidade do poeta

e de produção de sentido da sua obra. Neste pressuposto, defendi, num segundo plano da minha dissertação, que a eloquência do silêncio se prende com o homoerotismo do sujeito poético que, paradoxalmente, no ensejo de transgressão, se sente atraído pelo proibido mas nem sempre convive pacificamente com o seu carácter transgressor, sentindo ora fascínio, ora repulsa por aquilo que é socialmente desviante. Em desespero de causa, a voz lírica não só cala a identidade do ser amado, como também cala "os vícios" que o "geraram" e cujo magnetismo o instiga a enveredar por vias tortuosas que deprimem Ary, remetendo-o ao pior de todos os castigos: a solidão. Por essa razão, o erotismo transgressor não compensa, antes pelo contrário, relewa a tristeza, a dor e a solidão da sua existência, impulsionando-o paulatinamente para um fim desonroso que vaticina, renunciando inúmeras vezes a sua morte, mas ao qual não consegue resistir.

Concluindo, o desejo erótico tece uma teia cuja urdidura mantém o sujeito poético refém do prazer e da atracção sexual pecaminosa e socialmente reprovável; refém e vítima da sua maneira de ser, de pensar e de agir.

Como quer que seja, importa não esquecer que José Carlos Ary dos Santos foi um homem a quem a vida armadilhou a existência, desde muito cedo, e que sempre acusou esse infortúnio. A sua obra poética é a história da sua vida paradoxal: a do homem e a do "poeta da revolução".

